

SOCIALIDADE INFANTIL: DADIVA EM UM CONTEXTO ESCOLAR, BRINCADEIRAS E PRODUÇÃO DE IDENTIDADE

Cleiton de Jesus Rocha¹

Mayara Feitosa Teodoro²

Jade Figueiredo Costa³

Alethea Hamaiana A. de Carvalho⁴

RESUMO: A proposta do artigo é o de analisar como as brincadeiras e suas relações em uma escola particular são manifestas no cotidiano das crianças. Haja visto que durante os intervalos e até mesmo nas salas de aulas, as crianças possuem brincadeiras que fazem parte de cotidiano, e demonstram um conjunto de simbologias. Dessa forma, a escola escolhida para a pesquisa é a Conexão Aquarela com as crianças do ensino infantil, fundamental I e II no turno da manhã. A pesquisa etnográfica foi o meio escolhido para análise e coleta de dados, por meio da observação participante (Malinowisk, 1976; SAHLINS, 1997; CLIFFORD, 1998), e da realização de entrevistas semiestruturadas com as crianças e com os professores. Por ser uma pesquisa etnográfica, a mesma ainda está em andamento, como resultado preliminar foi possível notar que entre as brincadeiras realizadas entre as crianças, há três vertentes: a) as brincadeiras que evidenciam relações de poder – na qual as crianças utilizam-se de práticas e se mostram superiores as outras – da mesma perspectiva que aponta Norbert Elias(2000) e Pierre Bourdieu (1992); b) as brincadeiras definidas por determinado gênero – brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos; c) as brincadeiras relacionados à dádiva, segundo Marcel Mauss (1872-1950) possuem como característica o dar, receber e retribuir, e assim formam laços de parentesco (LEVI-STRAUSS, 1982; CARSTEN, 2014). Dessa forma, as brincadeiras observadas são frutos do contexto histórico e cultural em que as crianças estão inseridas, e as mesmas, ao colocar em prática na escola evidenciam características o sistema simbólico que essas possuem, verifica-se a necessidade de problematizar a prática de algumas brincadeiras na escola.

Palavras-chave: Infância. Brincadeiras. Dádiva. Identidade

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CARSTEN, Janet. “**A matéria do parentesco**”. Revista de Antropologia da UFScar. 2014, v. 6. n.º 2. P. 103-118.

CLIFFORD, James. ‘**Sobre a Autoridade Etnográfica**’ [1988]. In: A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

¹ Graduando do curso de licenciatura em sociologia na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Ex participante do programa de Educação Tutorial (PET). Pesquisador e Membro do Centro de Estudos políticos, religião e sociedade (CEPRES). Bolsista de Iniciação científica- PROBIC/Unifap. E-mail:clei2014cs@hotmail.com

² Graduanda de Ciências Sociais, Bolsista de Iniciação Científica (Pibic/CNPq), UNIFAP, Brasil. Email: mftems@gmail.com

³ Graduanda de Licenciatura em Sociologia, UNIFAP, Brasil. Email: jadecosta2015@gmail.com

⁴ Graduanda de Ciências Sociais, UNIFAP, Brasil. Email: aletheacarvalhoaa@gmail.com

ELIAS, Norbert. “Introdução”. ELIAS, Norbert. ***Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade***. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 19-50.

LEVI-STRAUSS, Claude. **“Os princípios do parentesco”**. In: LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 519-537.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção**. *Mana*. 1997, V.3, nº 1, p. 41-73.